



LUC IMAGENS

CAMPOS MODERNOS

Agricultura responsável ganha força no mundo

Certificações que atestam a qualidade dos produtos gerados nos campos. Programas centrados na estruturação de índices de sustentabilidade dos processos produtivos. É assim que o agronegócio caminha rumo à consolidação da agricultura responsável.

Em fevereiro, o Instituto para o Agronegócio Sustentável, Ares, anunciou parceria com a Embrapa no programa *Do Campo ao Mercado*, integrado por produtores rurais, indústria, varejo e organizações da sociedade civil. De acordo com Ocimar Villela, superintendente do Instituto, “a proposta é criar indicadores aptos a avaliar a sustentabilidade dos processos produtivos. No centro das atenções está a busca da melhoria contínua nas cadeias produtivas de fibras, alimentos e bioenergia”.

O programa embute um dos pontos de chegada a portos fundamentais ao desembarque dos produtos brasileiros nos mercados interno e externo: aqueles batizados como compromisso com a agricultura responsável. São portos imaginários, que abrigam avais às principais culturas que ocupam os solos do Brasil e do mundo.

Entre eles, figura o registro de Indicação Geográfica para o vinho produzido no Vale dos Vinhedos (RS), concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial, INPI. Produto, terras e até mesmo o turismo na região ganharam visibilidade no mercado internacional. Há outros produtos em processo de certificação. O INPI tem entre suas metas conceder subsídios aos pro-

dutores que pretendem buscar o reconhecimento em outros países.

MOVIMENTOS GLOBAIS

“A aplicabilidade das melhores práticas do setor agropecuário, representada por normas e certificações, é voluntária e no Brasil está dando os primeiros passos”, afirma Marina Piatto, engenheira agrônoma do Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, Imaflo. Há no mundo 22 conjuntos de normas para certificação agrícola, contabiliza a agrônoma.

No artigo *Diferenciação de commodities ou commoditização da sustentabilidade?*, publicado na revista *Agroanalysis* da FGV e disponível no site da União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Unica (www.unica.com.br), Luiz Fernando do Amaral, gerente de Sustentabilidade da associação, destaca: “Há selos verdes para um amplo leque de produtos, como lâmpadas, geladeiras, roupas e embalagens. Hoje, encontra-se no centro desse debate a produção de soja, eucalipto, açúcar, etanol e carne – em outras palavras, as grandes commodities agropecuárias. As iniciativas com maior exposição e credibilidade para se chegar a uma fórmula de certificação são desenvolvidas em um modelo de mesa

redonda que une indústria, ONGs, produtores e consumidores intermediários. A ideia é elaborar conjuntamente padrões de melhores práticas produtivas”.

Segundo Amaral, entre as mesas mais famosas destacam-se as da cana-de-açúcar (BSI na sigla em inglês), da soja (RTRS), do óleo de dendê (RSPO), dos biocombustíveis (RSB) e florestal (FSC). Ele salienta: “Vale notar que essas certificações focam nas práticas produtivas sendo, portanto, diferentes das ISO 9000 e ISO 14000, normas de gestão, e das certificações de orgânicos, que tratam das características do produto final”.

CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

“Há argumentos a favor e contra esse tipo de mecanismo. Aqueles que o defendem argumentam que ele promove o avanço das práticas responsáveis, na medida em que diferenciam os bons produtores. Já aqueles que criticam, argumentam que são, em geral,

iniciativas de nicho de mercado. Apenas os melhores produtores se certificariam. Além disso, em função de uma enorme complexidade, tais certificações nunca seriam atraentes o suficiente para pequenos produtores. De certa forma, ambas as argumentações podem estar corretas”, pondera Luiz Fernando do Amaral.

Na cartilha *Responsabilidade Socioambiental na Produção Agrícola* (www.bunge.com.br), a Bunge considera: “Certificação e rotulagem devem ser vistas com cuidado, pois a certificação de um produto e/ou processo implica uma série de gastos que o produtor deverá arcar a fim de ter seu produto diferenciado. Portanto, antes de optar por qualquer certificação, realize uma consulta prévia”.

Enquanto as discussões em torno dos selos e certificações ganham corpo crescente, um preceito parece irrefutável: a agricultura responsável é o caminho para perpetuar o poder de gerar alimentos, energia e biocombustíveis. 🚗

Para saber mais

www.bungenocampo.com.br

Confira na edição on-line:

- Onde obter mais informações sobre os processos de certificação.
- O município de Pedro Afonso, no Estado do Tocantins, contorna o problema da soja louca II.
- O calendário *Solos do Brasil 2011*, elaborado pela Embrapa.

De acordo com o Ministério da Agricultura, em 2011 o Valor Bruto da Produção Agropecuária (faturamento bruto obtido com a produção e comercialização) pode chegar a R\$ 187 bilhões, montante 8,29% maior que o de 2010 (R\$ 172,74 bilhões). Se a previsão for consolidada, o agronegócio brasileiro vai comemorar mais um recorde histórico.



A Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Algodão e Derivados prevê avanços sem precedentes na história do produto: na safra 2010/2011, o país deverá colher mais de dois milhões de toneladas, volume 70% superior ao registrado no ciclo anterior, fechado em 1,2 milhão de t. A área plantada, nesse mesmo período, cresce de 835 mil para 1,3 milhão de hectares.

SEU CONSULTOR

Maturação anormal da soja

A autoria deste artigo cabe a Manoel Albino Coelho de Miranda e a Fernando Toledo Santos de Miranda. Manoel é pesquisador científico aposentado da IV Seção de Leguminosas do Instituto Agronômico de Campinas, IAC, e produtor de soja no Estado do Tocantins. Fernando é pesquisador da Pioneer, Sorriso (MT).

ACENO DOS AUTORES



Morte do ponteiro induzida em solo de -2 cm de reboleira de Pedro Afonso (TO).



Brotação das gemas axilares.



Coração oco – cultivar IAC-1.

A senescência (maturação) anormal da soja tem como causa a não migração para os grãos dos produtos elaborados pela planta. Fatores que dificultam a formação de vagens e grãos causam maturação anormal de diferentes níveis, dependendo da carga da planta, desde haste verde até a retenção foliar. Assim, os danos causados por percevejos, a macho-esterilidade genética, o efeito de glifosato em plantas de populações segregantes RR, a virose mosaico comum da soja (SMV), a deficiência de potássio (K) e o desequilíbrio de Ca, K e MG (cálcio, potássio e magnésio) são apontados como causas principais da anomalia.

No Estado do Tocantins, essa anormalidade tornou-se mais evidente nos últimos anos em áreas com décadas de plantio direto na sucessão soja-sorgo, com elevado teor de matéria orgânica e com sucessivas calagens superficiais, principalmente nas baixadas e nas curvas de nível, onde há maior retenção de água e a umidade relativa é sempre mais alta.

EM BUSCA DE EXPLICAÇÕES

Na análise de solo, o desbalanço nutricional de Ca, Mg e K não ficou evidenciado nas amostras

retiradas de 0-10 cm de profundidade, a mais recomendada para a situação de semeadura direta. Mas a análise foliar detectou a deficiência de K, a despeito de níveis adequados no solo deste elemento. No entanto, faltava a explicação para a deformidade encontrada nas folhas.

Nas reboleiras com sintomas, a soja apresentava folhas normais nos primeiros estágios de desenvolvimento. Porém, a partir V5-V13, nos ramos e na haste principal, as folhas eram alongadas e deformadas e, quando da frutificação, esta região apresentava poucas vagens e vagens com poucos grãos. Como o boro (B) interfere no desenvolvimento do tubo polínico e, portanto, no pegamento das vagens, procurou-se evidências para esta hipótese.

O B é um dos sete micronutrientes exigidos para o crescimento normal da maioria das plantas. Entretanto, na solução do solo, a variação da concentração de B (que causa tanto a deficiência como a toxicidade) é pequena. A quantidade adsorvida pelo solo varia em uma larga faixa, de acordo com o teor de vários constituintes, principalmente dos minerais de argila, sesquióxidos e de matéria orgânica.


Mais recentemente, foi detectado que a disponibilidade do boro às plantas está associada às propriedades físicas e químicas do solo, como pH, textura, mineralogia e matéria orgânica.

SOMA DE EXPERIÊNCIAS

Fazendo um retrospecto das atividades da Seção de Leguminosas do Instituto Agronômico de Campinas, IAC, em relação ao boro foi possível verificar que, no início dos anos 1970, no Vale do Paraíba (SP), em solos argilosos (barro de telha) e sob efeito de calagens pesadas, além de maturação anormal, tínhamos em alguns genótipos a morte dos ponteiros, sintoma característico de deficiência de B. Posteriormente, em solos orgânicos de várzea em Guairá (SP), novamente sob calagens pesadas, pudemos detectar a deficiência, com sintomas semelhantes aos verificados atualmente no Tocantins. Por ocasião do lançamento do cultivar IAC-1, verificou-se que, em vários locais, este cultivar não entrava em senescência normal, sendo logo descartado pela impossibilidade de colheita mecânica.

Estudos sobre a qualidade da semente mostraram que este cultivar apresentava coração oco,

sintoma característico de deficiência de B. Mais recentemente, a Seção de Fertilidade do IAC, por indicação da Seção de Leguminosas, estudou o comportamento de diversos cultivares em relação a doses crescentes de B. A conclusão: o cultivar IAC-1 é o mais sensível, tanto para a deficiência quanto para o excesso deste elemento em solução nutritiva.

Na Indonésia, o sintoma coração oco é utilizado na diferenciação da susceptibilidade de cultivares em solos com teores baixos de B. A esterilidade é também apontada como causada pela deficiência de B. Em áreas irrigadas do Estado do Arkansas (EUA), em solos argilosos em rotação com arroz, foi detectada a deficiência de B. 

Final feliz

www.bungenocampo.com.br

O Tocantins conseguiu solucionar problemas que impossibilitavam a colheita da soja. Você vai saber mais em www.bungenocampo.com.br



Lançada na safra 2008, em Mato Grosso, a **soja Inox** – cultivar resistente à ferrugem asiática – faz sucesso em outras regiões do país, onde pesquisadores testaram e aprovaram a tecnologia 100% mato-grossense. A eficácia foi comprovada até fora do Brasil, pelo National Soybean Reserch Laboratory, da Universidade de Illinois, EUA.

DIGNA IMAGEM / CLOVIS FERREIRA



Segundo a Associação Nacional para a Difusão de Adubos, **Anda**, no Brasil, a comercialização de fertilizantes fechou o primeiro bimestre de 2011 com **3,48 milhões de toneladas**, evolução de **10,3%** em relação a igual período do ano anterior. Cana, algodão, café, milho safrinha e arroz estão entre os campeões de consumo.

NOVAS FRONTEIRAS

Soja Plus: cuidados dentro e fora das porteiras

Nas palavras do presidente da Aprosoja, Glauber Vieira, o Programa Soja Plus “escreverá a cartilha de sustentabilidade mundial da cadeia produtiva da soja”.

A Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais, Abiove, e outras entidades do agronegócio, como a Associação Nacional dos Exportadores de Soja, Anec, Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso, Aprosoja, e o Instituto para o Agronegócio Responsável, Ares, lançaram em abril de 2010 o *Programa Soja Plus de Gestão Econômica, Social e Ambiental*. A proposta é zelar pela qualidade do produto “dentro e fora da porteira”, explica Bernardo Pires, coordenador Ambiental da Abiove.

Sustentam a iniciativa argumentos mais do que convincentes. A União Europeia, por exemplo, responde por mais de 60% do volume de exportações do farelo de soja brasileiro. Pesquisa coordenada pela Abiove constata que pelo menos 20% dos consu-

midores europeus aceitam pagar mais por produtos classificados como sustentáveis. Além disso, o Brasil, segundo maior produtor e exportador de soja, responde por quase 25% da oleaginosa consumida no mundo e pode vir a ser o maior fornecedor global.

Além de abrir caminhos mais seguros para a participação crescente no mercado externo, atendendo a expectativas mundiais, o Programa busca evitar que o país, no futuro, sofra embargos técnicos.

O CAMINHO DAS PEDRAS

O *Soja Plus* foi dividido em cinco linhas de ação – qualidade de vida no trabalho; melhores práticas de produção; realidade financeira e econômica; qualidade do produto e responsabilidade social. Para cada uma delas está previsto um


módulo de treinamento com cartilha, curso teórico, prático e avaliação. Estudantes de agronomia, engenharia florestal e gestão ambiental devem atuar como agentes multiplicadores. Após os Dias de Campo, irão até as fazendas para verificar se o conhecimento teórico foi incorporado nas práticas cotidianas do produtor.

Para ser um produtor de Soja Plus, os empresários rurais deverão seguir 46 requisitos, cumprindo pelo menos 80% dos critérios de sustentabilidade baseados em leis ambientais e sociais brasileiras. Selos de Soja Plus Prata ou Soja Plus Ouro devem sinalizar o tamanho do envolvimento com os critérios previamente estabelecidos.

A expectativa é que, após o término dos cinco módulos, num período de três a cinco anos, o

produtor esteja apto a entrar em qualquer programa de certificação, aumentando a competitividade do setor.

PELOS CAMPOS DO BRASIL

Pires enfatiza o caráter de orientação do programa, prevendo um grande número de adesões. O projeto piloto será em Mato Grosso, com expectativa de atrair cinco mil produtores, depois seguirá para Goiás, Bahia e Paraná. Em parceria com o Senar de Mato Grosso e a Embrapa Soja, 19 núcleos oferecerão treinamentos e cursos. O primeiro treinamento já tem tema definido: irá abordar a Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura – NR 31, agendado para o segundo semestre. 

FERNANDO BUENO



SUSTENTABILIDADE

Instituto Triângulo e Soya Recicla em prol do desenvolvimento sustentável



A parceria da Bunge, por meio da marca Soya, com o Instituto Triângulo apresenta, desde 2006, números positivos em benefício do meio ambiente e da sociedade, por meio do *Programa Soya Recicla*. A base é o cuidado da Bunge com o residual pós-consumo dos óleos vegetais, proporcionando uma utilização ecológica para o que seria descartado principalmente dos lares, evitando impactos ambientais sobre a rede de esgoto.


Nestes cinco anos, o Programa garantiu que cerca de 700 mil quilos

de óleo vegetal usado não degradassem o meio ambiente e fossem convertidos em sabão biodegradável ou biodiesel. A parceria também é responsável pela coleta de mais de dez mil quilos de pilhas e baterias e 25 mil peças de roupas.

MOBILIZAÇÃO E CIDADANIA

As ações geraram maior mobilização das pessoas em torno das questões focadas na sustentabilidade, pois o público-alvo são as residências, gerando o envolvimento das comunidades. O Instituto Triângulo já mobilizou cerca

de um milhão de pessoas de forma direta, utilizando como canais de contato empresas, condomínios, escolas, shoppings, parques, feiras de rua, eventos comerciais ou ambientais e ações casa a casa. São usadas, também, mídias próprias do Instituto Triângulo.

A próxima fase é a expansão do Programa para diferentes capitais brasileiras, bem como a ampliação da rede de coleta. Atualmente, há 950 postos ativos para coleta de óleo usado e a perspectiva é que novas parcerias possam tornar esse número ainda maior. 



**TEM FESTA, FEIRA
E EXPOSIÇÃO NA CIDADE**

II Congresso Brasileiro de Pesquisa em Pinhão Manso São Paulo (SP) – 8/8 a 9/8
44º Congresso Brasileiro de Fitopatologia Bento Gonçalves (RS) – 14/8 a 19/8
XVII Congresso Brasileiro de Sementes Natal (RN) – 15/8 a 18/8
11º Encontro de Plantio Direto no Cerrado Uberlândia (MG) – 23/8 a 25/8
VII Congresso Brasileiro de Biossegurança Joinville (SC) – 18/9 a 23/9

Para saber mais

www.bungenocampo.com.br

Calendário completo da
Agroagenda – Eventos
Agropecuários.



LIVRO EMBRAPA

Embrapa fala sobre as doenças da soja



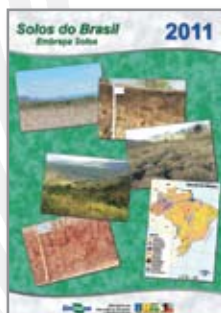
Recentemente lançado pela Embrapa, o livro *Soja: doenças radiculares e de hastes e inter-relações com o manejo do solo e da cultura* tem como um de seus principais focos o manejo integrado de doenças. Editada pelos fitopatologistas Álvaro Manuel Rodrigues Almeida e Claudine Dinali Santos Seixas, pesquisadores da Embrapa, a publicação reúne 39 autores e coautores.

Os capítulos iniciais falam sobre as doenças radiculares e de haste da soja, causadas por fungos e nematóides. Os demais abordam o manejo do solo, rizobactérias, controle de plantas daninhas, fertilidade e nutrição mineral.

O livro pode ser adquirido no setor de publicação da Embrapa Soja, telefone: (43) 3371-6119, ou pelo e-mail: vendas@cnpso.embrapa.br. Preço: R\$ 60,00.

CALENÁRIO EMBRAPA

Informações a serviço do agronegócio



A Embrapa Solos elaborou o calendário de parede *Solos do Brasil 2011*. A iniciativa inédita teve como ponto de partida um projeto desenvolvido no ano passado, quando o centro de pesquisa iniciou a organização do seu arquivo de fotos – mais de 30 anos de história do estudo do solo – com a intenção de organizar um banco de imagens.

O calendário tem 15 páginas. Cada mês representa um tipo de solo que ocorre no Brasil (argissolos, cambissolos, chernossolos, etc), com fotos e textos que apresentam suas principais características.

PUBLICAÇÃO SOBRE FERTILIZANTES

O Instituto Internacional de Nutrição de Plantas Brasil lançou o livro *Boas Práticas para Uso Eficiente de Fertilizantes*. São 30 capítulos, distribuídos em três volumes (Contexto Mundial e Práticas de Suporte, Nutrientes e Culturas), com mais de 1200 páginas escritas por especialistas nos diversos assuntos. Os três volumes custam R\$ 200 (exemplares avulsos: R\$ 90,00) e podem ser adquiridos no site da Embrapa Solos: www.cnpso.embrapa.br.

ATUALIZE-SE

IBGE estabelece o Índice de Preços ao Produtor

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, iniciou em abril o processo de divulgação mensal do Índice de Preços ao Produtor, IPP. Este novo indicador mede a evolução dos preços de produtos “na porta de fábrica”, sem impostos e fretes, de 23 setores da indústria de transformação.

Para as empresas, o Índice de Preços ao Produtor permitirá maior poder de análise, por meio do acompanhamento da variação dos preços de fornecedores, clientes e até uma comparação da estratégia da própria empresa com o seu setor. Para o governo, o IPP amplia o leque de indicadores aptos a auxiliar a formulação da política econômica. No caso do IBGE, os dados obtidos irão integrar o conjunto de indicadores utilizados na mensuração do PIB.

Inicialmente o IPP está restrito à indústria de transformação (são cobertos 23 setores, como produtos alimentícios, derivados de petróleo e biocombustíveis, máquinas, ferramentas e computadores, produtos eletrônicos, entre outros). Futuramente, devem ser agregados resultados da agropecuária, indústrias extrativas, construção civil e serviços.

A coleta do IPP é feita todos os meses por meio de questionários na internet, protegidos por ferramentas de criptografia. São 1.400 empresas respondendo sobre 320 produtos, gerando cinco mil cotações mensais.

Consulte

www.ibge.gov.br



BUNGE no campo

Publicação da Bunge para os produtores rurais.

Av. Maria Coelho Aguiar, 215 – Bl D – 5º andar – São Paulo (SP) – 05804-900

Projeto e coordenação Diretoria de Assuntos Corporativos & Sustentabilidade Bunge • Supervisão: Valdeci Silva

Criação e edição Luc Comunicação Integrada • (11) 5044-6099 • Jornalista responsável: Sonia Regina Cociuffo (Mtb 11.739) • Diagramação: Eduardo Matsuda

Pré-impressão e Impressão Landgraf • Certificação Cadeia de Custódia FSC • Tiragem: 16.000 exemplares.

